

Manaus, terça-feira, 22 de maio de 2001

a crítica CIDADES c3

CASA DO ÍNDIO

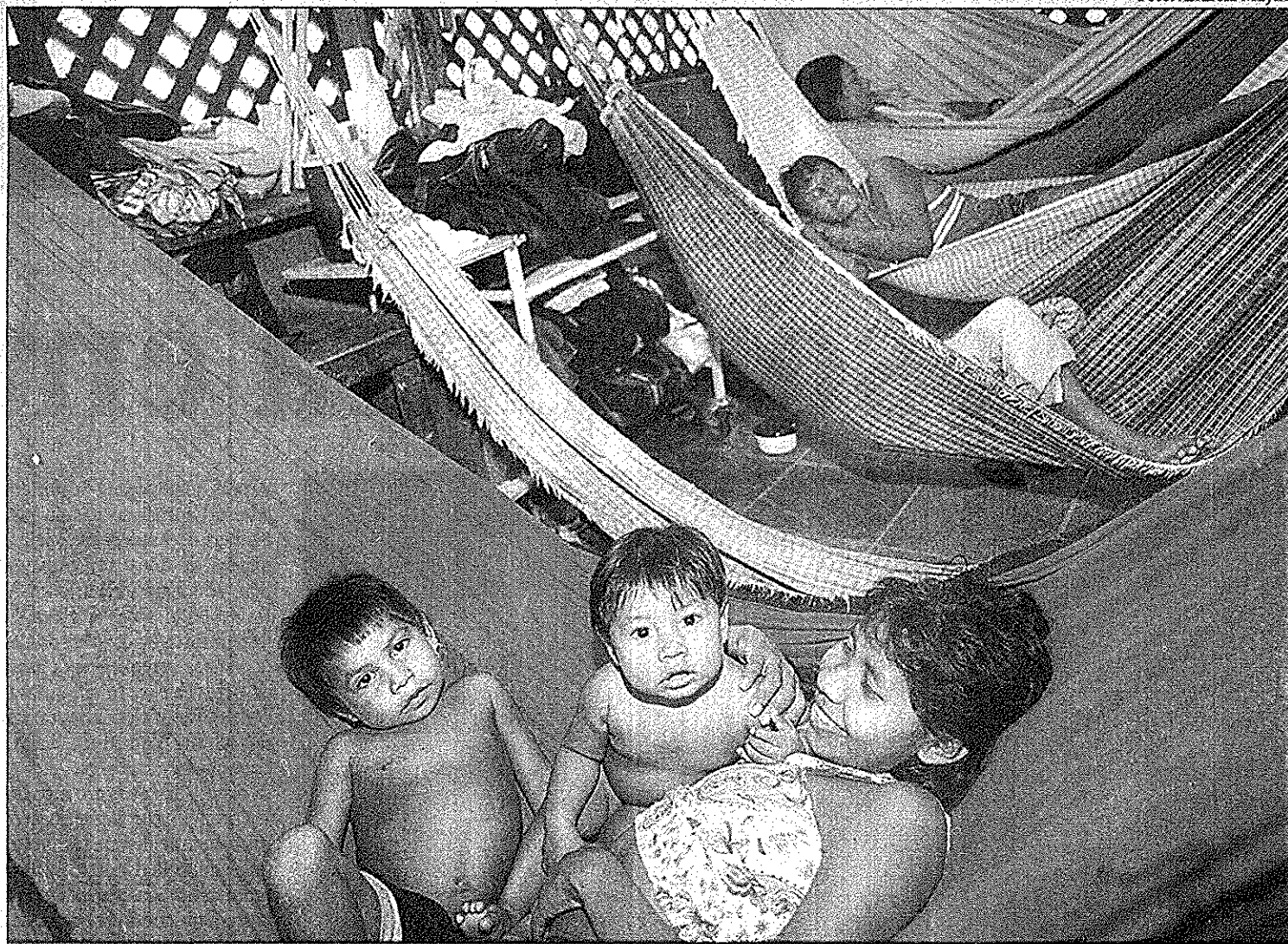
Pacientes reclamam de maus-tratos

ÍNDIGENAS INTERNADOS DIZEM QUE ESTÃO RECEBENDO PÉSSIMO ATENDIMENTO E QUE AS ACOMODAÇÕES NÃO SERIAM BOAS. ATÉ SABÃO ESTARIA SENDO NEGADO

Alguns pacientes da Casa de Saúde Indígena reclamam do tratamento que vêm recebendo por parte da direção do local. Segundo eles, os acompanhantes estão retornando às aldeias, o tratamento de saúde não está sendo acompanhado e há problemas de comunicação entre os distritos prejudicando os indígenas que chegam a ficar dois dias no barco esperando por ajuda.

Para a índia Maricaú, Maria Auxiliadora Marques, 30, o atendimento é péssimo. "Não estão tratando a gente como devem. Quando cheguei de ônibus - porque ninguém foi me buscar, a diretora foi logo dizendo que meu acompanhante não podia ficar. Fiquei nervosa e passei mal. Não era para ser assim", conta. Ela veio da Aldeia Boa Vista, no Município de Jutai, para o tratamento de reumatismo, e se decepcionou com o tratamento. "Pensam que por sermos índios não temos valor. Me orgulho de ser o que sou e vou defender meu direito", protesta. Marques diz ainda que a casa é deles. Está ali para atender as necessidades de todos os povos. "Estão sovinando até sabão para lavar a roupa."

Outro problema é a falta de comunicação. Com apenas um aparelho de rádio-transmissor, há dificuldades para obter notí-



DIFICULDADES Quem aguarda por atendimento no local se queixa de não poder levar acompanhante e de não ter como se comunicar com familiares

cia dos familiares. Maria da Conceição Silva, 33, da tribo Mura, reclama desse isolamento. "Mandaram meu acompanhante embora e estou aqui há 22 dias sem notícias de ninguém. O pior é que lá também não sabem sobre mim." Conceição diz que tudo isso acaba prejudicando no tratamento. "A gente fica preo-

cupado por não saber notícias da família e acaba sofrendo."

Mas tudo poderia ser resolvido com uma boa conversa, aposta o Sateré-Mauê Jeferson Padilha, 29. "Na sexta-feira houve um desentendimento e a diretora falou que ia mandar todo mundo embora, que não tinha medo de índio. Ela nos desafiou, achando

que não somos nada", diz, reivindicando um tratamento de saúde melhor e uma relação de respeito entre os povos e a direção da casa. "O carro joga a gente na frente do hospital e ficamos perdidos. Não conhecemos os costumes dos brancos e precisamos ter um guia. A casa existe para nós para termos ajuda e não é o que

está acontecendo", lamenta.

Para Jeferson, o que interessa aos povos é o tratamento de saúde e o respeito entre todos. "Precisamos sentar e conversar pois não é com palavrões que a gente vai se entender", sugere. "Tem que se juntar o branco com o índio. Só assim essas dificuldades serão melhoradas."

DESCASO

Esquecidos por horas em barcos

Os indígenas se queixam também de que estão sendo esquecidos nos barcos quando chegam para o tratamento, pois a direção da Casa do Índio demora para buscá-los. A ticuna Irene Cavalcante, 43, conta que chegou no domingo, dia 13, às 6h, e que a assistente social só apareceu às 10h de segunda-feira. "Ela só veio porque um rapaz se dispôs a ligar para a Casa do Índio." Irene lembra que comeu graças à solidariedade das pessoas do barco. "Eles que me deram comida durante esses dias porque se não passava fome. O pior é que fiquei sozinha, pois não trouxe acompanhante pois sabia que eles não deixariam ficar", desabafa. "Perdi até minha consulta e agora vou precisar ficar mais uma semana por culpa deles", protesta, lamentando a ausência da família para acompanhar o tratamento. "Eu já ia era voltar no mesmo barco para casa."

A tucana Conceição Pedrosa, 37, faz queixas da falta de estrutura da casa para atender todo mundo. Dormindo na mesma cama de solteiro com a mãe, que está com o joelho quebrado, ela diz que tem medo de a mãe cair e se machucar ainda mais. "Estamos dormindo assim desde domingo e isso não está certo." O certo, completa, seria a mãe ter uma cama e ela outra para que também pudesse descansar. "Assim cuidaria melhor dela."

Direção contesta denúncias

A diretora da Casa de Saúde Indígena, Nazaré Frota, contesta algumas reclamações dos índios. Segundo ela, tudo o que pode ser feito para garantir o bem-estar dos índios está sendo providenciado. Para isso tem sido fundamental o trabalho da Organização Não-Governamental Instituto de Desenvolvimento de Atividades de Auto-Sustentação das Populações Indígenas (Indaspi).

Ela concorda que falta estrutura para o atendimento, mas culpa os próprios índios pelo problema. "Eles vêm isso aqui como uma casa de passagem e querem trazer toda a família para resolver assuntos parti-

culares. E não está certo. Aqui é para tratamento de saúde. Os acompanhantes das pessoas que não precisam estão sendo mandados de volta."

Com capacidade para cem pessoas, incluindo acompanhante; a diretora diz que com os 130 pacientes atendidos há inconvenientes como dividir a mesma cama. "As vezes os índios trazem dois ou três acompanhantes que tomam o lugar dos doentes. Damos preferência por um acompanhante e, de preferência, do mesmo sexo"

O critério para acompanhantes é aplicado quando o paciente é idoso, quando não fala português - neste

caso se admite até três pessoas, sendo um intérprete -, quando é bebê, em caso cirúrgico e muito grave.

Frota afirma que não é culpa da casa a grande espera dos índios nos barcos. "Tudo é falta de comunicação entre os próprios distritos. Sem telefone e apenas com um rádio-transmissor fica difícil. Se não recebemos o comunicado, não temos como adivinhar que tem um índio nos esperando." A diretora garante que quando os pacientes chegam recebem todo o apoio. "Quando precisam, ganham roupa e artigos de higiene pessoal. Eles fazem seis refeições diariamente."

COMIDA

Índios chegam a receber por dia, de acordo com a direção da casa, até seis refeições

